



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Sigmund Freud

Livio Boni

Como citar: BONI, L. Sigmund Freud. *In:* PASSOS, R. D. F dos; ARECO, S. M. (org.).
Gramsci e seus contemporâneos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura
Acadêmica, 2017. p. 65-90.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-881-1.p65-90>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

SIGMUND FREUD

*Livio Boni*¹

Para introduzir a relação de Gramsci com o fundador da psicanálise é preciso partir de uma primeira constatação histórico-filológica: Gramsci não teve oportunidade de conhecer Freud e é provável que ele o tenha lido apenas indiretamente, como sugerido em uma carta escrita a Tania em 20 de abril de 1931 em que se declara interessado em receber a tradução francesa de *Introduzione alla psicoanalisi* [Introdução à psicanálise], indicada por Sraffa, para em seguida adicionar: “Li algumas coisas sobre a psicanálise, artigos de revistas especialmente; em Roma, Rambelinsky me emprestou alguma coisa para ler sobre este tema.” (L, p. 415)².

Declaração lacônica porém precisa o suficiente para confirmar a impressão provocada pela leitura dos vários apontamentos nos *Quaderni* em que está em questão Freud, o “freudismo” ou a “psicanálise”³: o juízo moldado por Gramsci sobre a psicanálise deriva de uma avaliação de seus efeitos ideológicos indiretos, ou de seu impacto cultural, mais do que de um juízo de mérito sobre a disciplina e a racionalidade freudiana enquanto tal. No entanto, Gramsci poderia ter acesso mais direto à fonte freudiana, não apenas por ser poliglota (quase toda obra de Freud foi traduzida para

¹ Tradução Sabrina Areco.

² “L” refere-se às *Lettere dal carcere* (GRAMSCI, 1996) e “Q” aos *Quaderni del carcere* (GRAMSCI, 1975).

³ Gramsci hesita, nas *Lettere* como nos *Quaderni*, entre os termos “psicoanálise”, mais próximo da variante alemã de “psico-análise”, e a forma “psicanálise”, mais coloquial e afrancesada, e termina por optar pela última forma.

o italiano somente mais tarde⁴), mas também em razão de sua estadia em Viena, onde permaneceu entre dezembro de 1923 e abril de 1924 na qualidade de delegado do Comintern, ou na Rússia em meados dos anos de 1920, quando a psicanálise era ainda debatida entre os bolcheviques e na Internacional.

Apesar da ausência de uma relação direta, orgânica e aprofundada de Gramsci com Freud e a psicanálise, a leitura das notas “freudianas” espalhadas pelos *Quaderni* constituem muito mais do que uma mera curiosidade erudita, revelando os rudimentos e as premissas de uma reflexão de absoluta originalidade, tanto em relação ao panorama filosófico-ideológico da Itália entre a I e II Guerra Mundial, quanto no contexto do pensamento marxista em geral e não deixa de suscitar certa inflexão em alguns temas maiores da reflexão gramsciana.

Seu exame exigirá, portanto, uma reconstrução paciente das passagens dos *Quaderni*, esporádicas mas repletas de tensões teóricas, através das quais se pode dar conta - mas também colocar em perspectiva - a singularidade da reflexão de Gramsci em relação à cultura marxista da III Internacional e ainda em relação à cultura italiana, dominada no período do entre guerras pelo idealismo na filosofia, pelo positivismo no campo científico e pelo pedagogismo católico em matéria de moral⁵.

À este primeiro *volet*, conduzido sobretudo nos *Quaderni*, pode-se adicionar ou sobrepor um segundo, relativo ao confronto com a psicanálise que Gramsci estabelece nas *Lettere del carcere*. Neste segundo, a relação com Freud se estabelece de fato sempre indiretamente, através da mediação de sua esposa Giulia que se valeu de um “tratamento psicanalítico” na URSS no início dos anos de 1930 para curar um grave exaurimento acompanhado por esporádicas crises de epilepsia. Infelizmente, não existem documentos sobre a terapia de Giulia Shucht e nem testemunhas diretas (pelo menos de acordo com o nosso conhecimento), em uma época em que a psicanálise, do ponto de vista ideológico, não era mais bem aceita na União Soviética.

⁴ Nos anos de 1920 somente alguns escritos de Freud, como *I tre saggi sulla teoria sessuale* [Três ensaios sobre teoria da sexualidade] e *Cinque conferenze di psicoanalisi* [Cinco lições de psicanálise], ambas traduzidas por Levi Bianchini; ou *Introduzione alla psicoanalisi* [Introdução à psicanálise] e *Il delirio e il sogno nella Gradiva di Wilhelm Jensen* [Delírios e sonhos em “Gradiva” de Wilhelm Jensen], traduzidos por Edorado Weiss, estavam disponíveis em italiano.

⁵ Para uma compreensão histórica geral da influência cultural da psicanálise na Itália entre as duas guerras mundiais, cf. David (1990).

O fato é que tal circunstância dará ensejo para um verdadeiro diálogo entre Gramsci e Giulia sobre o alcance da ciência freudiana, ou ao menos para um monólogo dialogante nas *Lettere*; diálogo cuja consistência e importância parecem, em grande parte, ter escapado aos intérpretes de Gramsci e que deve ser apresentada em sua textualidade a fim de analisar este segundo aspecto da relação oblíqua absolutamente mediada de Gramsci com Freud.

Somente no curso desta revisão e a partir de articulações precisas será possível estabelecer os pontos de convergências e de distanciamentos entre a elaboração mais abstrata dos *Quaderni* e aquela vívida e subjetiva, mas nem por isso irrefletida, das *Lettere*.

A PSICOANÁLISE COMO PROSEGUIMENTO DAS LUZES

Dispondo-se a confiar no fio condutor da cronologia dos *Quaderni*, sempre frágil e incerto (FRANCIONI, 1984), umas das primeiras notas sobre o tema encontra-se já no *Quaderni* 1:

A difusão da psicologia freudiana parece ter como resultado o nascimento de uma literatura típica do século XVIII; o 'selvagem', em sua forma moderna, é substituído pelo tipo freudiano. A luta contra a ordem jurídica é feita através da análise psicológica freudiana. Este é um aspecto da questão, ao que parece. Não tenho podido estudar a teoria de Freud e não conheço outro tipo de literatura assim chamada 'freudiana': Proust-Svevo-Joyce (Q 1, § 33, p. 26).

Por trás da aparência extemporânea, esta primeira ocorrência de Freud entre as notas carcerárias contém diversas estratificações destinadas a se repetirem e a perdurarem:

- a analogia entre a psicanálise e um *revival* do rousseunismo;
- a localização da ruptura introduzida por Freud em um plano mais antropológico-jurídico do que epistemológico ou psicológico;
- a confirmação da ausência de aproximação direta com a obra de Freud;
- a percepção diante dos efeitos estéticos-literários da subversão freudiana.

Quanto ao primeiro ponto - a analogia entre o *homo psicoanaliticus* e o *bon sauvage* - ele aparece em uma passagem de uma carta a Giulia quase contemporânea à nota citada acima:

É estranho e interessante – escreve Gramsci em 30 de dezembro de 1930 – como a psicoanálise de Freud está criando, especialmente na Alemanha (o que me parece a partir das revistas que leio), tendências similares àsquelas existentes na França do século XVIII e vai formando um novo tipo de ‘bom selvagem’ corrompido pela sociedade, isto é, pela história. O resultado é uma nova forma de desordem intelectual muito interessante (L, p. 302).

Não há dúvida que o paralelo entre o bom selvagem e a concepção da sexualidade infantil freudiana pode parecer um tanto ingênuo para quem conhece a concepção freudiana do “perverso polimorfo”⁶ e parece à primeira vista endossar a vulgata freudo-marxista segundo a qual a pulsão⁷ nada mais é do que energia positiva corrompida e pervertida pela ordem social e familiar.

No entanto, observando mais de perto, a questão não pode ser colocada propriamente nestes termos: o que interessa a Gramsci, ao estabelecer o paralelo Freud-Rousseau, não é tanto uma identificação teórica e sim uma analogia entre os efeitos ideológicos suscitados pela psicoanálise através da criação de “tendências” - ou de um “tipo” - em nítida contradição com a moral de origem jesuítica (Q 1, § 123). A “espontaneidade” rousseauiana é para Gramsci um mito pedagógico cujo alcance, em relação ao império do *educatio* jesuítico, deve ser avaliado dialeticamente. E aos seus olhos algo semelhante parece reproduzir-se no freudismo, sobretudo na medida em que este dá origem a um questionamento da moral paternalista dominante e sua expressão jurídica através da exaltação do conflito pais-filhos:

A teoria de Freud, o complexo de Édipo, o ódio pelo pai-patrão, modelo, rival, expressão primeira do princípio de autoridade – colocado na ordem das coisas naturais. A influência de Freud sobre a literatura alemã é incalculável: ela está na base de uma nova ética revolucionária (!). Freud deu um aspecto novo ao eterno conflito entre

⁶ cf. Sigmund Freud, *Tre saggi sulla sessualità* (1905).

⁷ N.T.: No original, *pulsionalità*.

pais e filhos. A emancipação dos filhos da tutela paterna é a tese em voga entre os romancistas atuais. Os pais abdicam de seu “patriarcado” e fazem uma honrosa reparação suas culpas diante dos filhos, cujo senso moral ingênuo é o único capaz de quebrar o contrato social tirânico e perverso, de abolir as coerções de um dever mentiroso (Q 3, § 3, p 288)⁸.

Assim, se a analogia entre Rousseau e Freud subsiste, ela se baseia na comum função *dialética* de ruptura com a moral dominante e não em uma afinidade filosófica *tout court*. A elaboração de tal analogia, aliás, não impedirá Gramsci de se mostrar bastante crítico diante da reabilitação das teses neo-rousseauianas na União Soviética em uma carta importante à Giulia que teremos oportunidade de rever.

A partir destas primeiras conexões, baseadas na avaliação presente nos *Quaderni* da contribuição freudiana indireta (a influência “incalculável” de Freud na literatura alemã), pode-se inferir um primeiro postulado gramsciano relativo à psicanálise e ao freudismo, válido para a maioria de suas reflexões sobre o assunto: a psicanálise constitui uma forma de racionalismo moderno e de prolongamento do Iluminismo e não é, de nenhum modo, uma forma de indulgência irracionalista como sugerido pela vulgata marxista de matriz terceiro-internacionalista⁹.

A IDEOLOGIA VERSUS A IDEOLOGIA?

Uma mudança implícita, mas substancial, de Gramsci em relação à abordagem marxista da psicanálise está na nota “Conceito de ideologia” do *Quaderni* 4, retomada quase literalmente no *Quaderni* 11. Esboçando uma verdadeira arqueologia sumária do conceito, Gramsci recorda como:

A ‘ideologia’ era um aspecto do ‘sensualismo’, ou seja, do materialismo francês do século XVIII. O seu significado originário era ‘ciência das ideias’ e, uma vez que a análise era o único método reconhecido e aplicado na ciência, significava ‘análise das ideias’, isto é, ‘busca da origem das ideias’. As ideias devem ser decompostas em seus ‘elementos’

⁸ Gramsci enumera alguns exemplos ‘menores’ deste gênero de literatura em âmbito alemão.

⁹ O que vale para o importante escrito de Mikhail Bachtin, *Il freudismo* [O freudismo], de 1927. Note-se como mesmo o termo “freudismo” estava estabelecido no ambiente marxista e designava uma indevida extensão da psicanálise como *Weltanschauung*, como “visão de mundo” (ASSOUN, 2001, p. 32-35).

originais e estes não podem ser outra coisa que não as ‘sensações’: as ideias derivam das sensações (Q 11, § 63, p. 1490).

No prosseguimento da nota Gramsci acena para os limites de tal abordagem, muito facilmente conciliável com a fé na “potência do Espírito”, como em Manzoni, ao menos até a descoberta do pensamento de Rosmini. Um papel privilegiado é reconhecido a Destutt de Tracy, como “eficaz propagador literário da ideologia”, juntamente com Cabanis (*Rapports du Physique et du Moral*), Bourget, Taine e Stendhal. E neste ponto insere a menção a Freud como o “último dos Ideólogos” (no sentido de *Idéologues*):

Como o conceito de Ideologia de ‘ciência das ideias’ de ‘análise sobre a origem das ideias’ passou a significar um determinado ‘sistema de ideias’ deve ser examinado historicamente, pois logicamente o processo é fácil de entender e compreender. Pode-se afirmar que Freud é o último dos Ideólogos e que um ‘ideólogo’ é De Man, pelo o que é tanto mais estranho o entusiasmo de Croce e dos croceanos por De Man, se não existisse uma justificação ‘prática’. Deve-se examinar como o autor do *Ensaio Popular* tenha permanecido ligado à Ideologia, ao passo que a filosofia da práxis representa uma nítida superação que se contrapõe historicamente à Ideologia. Mesmo o significado que o termo ‘ideologia’ assumiu na filosofia da práxis contém implicitamente um juízo de desvalor e exclui que para os seus fundadores a origem das ideias deve ser procurada nas sensações e portanto, em última análise, na fisiologia: esta mesma ‘ideologia’ deve ser analisada historicamente, segundo a filosofia da práxis, como uma superestrutura (Q 11, § 63, p. 149I).

Sem se deter nesta ocasião em referências conjunturais à figura de Henri De Man, que é muitas vezes discutida nos *Quaderni*¹⁰, pode-se extrair desta passagem uma série de posições fundamentais do pensamento de Freud destinada a se tornar um plano de fundo no confronto teórico de Gramsci com o fundador da psicoanálise:

¹⁰ Henri de Man (1885-1953), intelectual, homem político e diplomata belga, influente no *milieu* progressista entre as duas guerras mundiais, é autor de alguns importantes ensaios como *Zur psychologie des Sozialismus* (1925), *Der kampf um die Arbeitsfreude (La joie du travail, 1927)*, *Le socialisme constructif* (1933) e ainda *Au-delà du nationalisme* (1946). Alvo polêmico importante nos Cadernos, De Man não hesitava aplicar paradigmas psicologizantes na análise das relações sociais para enfrentar o marxismo, encontrando apoio, entre outros,

- a psicanálise é uma ideologia no sentido iluminista de uma análise materialista dos elementos que constituem o pensamento;
- Freud é, portanto, considerado e criticado como o último representante de uma ideologia cujo significado foi superado pela concepção dialética-materialista (marxiana) da ideologia, mas cuja mudança de sentido permanece ainda por “ser considerado” plenamente, “historicamente”;
- a filosofia da práxis reconhece, portanto, o valor dialético da ideologia iluministicamente compreendida e ao mesmo tempo apreende o seu “desvalor” como redução fisiologista e mecanicista, no fundo ainda compatível com a sua própria suplementação espiritualista (Manzoni, Cabanis, Bourget, Taine, Maurras, Stendhal).

Poderia-se então concluir que a psicanálise, aos olhos de Gramsci, permanece assentada em um fisicalismo ingênuo e em tudo superado pelo materialismo histórico. Mas esta seria uma conclusão tanto precipitada quanto parcial. Melhor seria aplicar na leitura de Gramsci a mesma lógica que ele utiliza na avaliação da função ideológica da psicanálise: o fato de que Freud pode ser indicado como “o último dos Ideólogos” na década de 1930 revela uma função histórica-prática (no sentido da filosofia da práxis) da psicanálise que excede a sua genealogia ideal abstrata. Em outros termos, trata-se para Gramsci de valorizar a importância (*in*)atual do freudismo, os efeitos que ele pode produzir, mantendo o fato de que sua “busca pela origem das ideias” permanece abstrato (“deshistorizado”) como é o materialismo sensualista e, como tal, está exposto ao risco de prestar-se como suplemento da consciência espiritualística.

Veremos na continuidade desta apresentação do confronto indireto de Gramsci com Freud, tão fragmentário quanto singularmente

nos idealistas italianos e em Croce. Gramsci denuncia a incoerência teórica e o interesse puramente “prático” da simpatia de Croce com as contribuições de De Man (cf. Q 10, § 26), recordando como tanto Croce como seu aluno Guido De Ruggiero, autor da influente *Storia della filosofia* [História da Filosofia] em treze volumes (1918-1948), tinham demonstrado desprezo e indiferença em relação a Freud (Gramsci considera, de forma inapropriada, a obra *Il superamento del marxismo* de De Man como “uma derivação da corrente psicanalítica”). Para uma análise minuciosa, ver Boni (2003). Sobre a relação geral entre o idealismo de Croce e Gentile com a psicanálise, cf. David (1963).

pertinente, como esta tensão entre a eficácia crítica da psicanálise e a sua pretensa ingenuidade epistemológica (do ponto de vista da filosofia da práxis) revela-se fértil em Gramsci.

O que já pode ser estabelecido e destinado a não ser contradito adiante é a tendência geral de Gramsci de não liquidar a psicanálise como ideologia, no sentido de pura construção superestrutural da má consciência da moral burguesa, mas no lugar disso recuperar a “ciência das ideias” iluminista, recuperação aparentemente anacrônica, mas que é feita sob “a base de uma nova ética revolucionária”, com a ampliação de seu campo de aplicação: já não é mais apenas a crítica da metafísica, da teologia, da autoridade e da moral religiosa, mas a crítica estendida para as formas fundamentais da sociedade burguesa, como o paternalismo, que a psicanálise ataca em sua base sexual:

Também a literatura ‘psicanalítica’ - escreve Gramsci em uma importante nota de *Americanismo e fordismo* - é um modo de criticar a regulamentação dos instintos sexuais de modo ‘iluminista’, com a criação de um novo mito do ‘selvagem’ com uma base sexual (incluídas as relações entre genitores e filhos) (Q 22, § 3, p. 2148.).

É possível finalmente esclarecer os termos da contradição aparente do juízo gramsciano sobre a natureza iluminista da psicanálise: embora ele pareça recuperar *sic et simpliciter* alguns temas filosóficos fundamentais do iluminismo (elogio dos instintos + análise materialista de ideias morais), tal recuperação é acompanhada por um deslocamento e alargamento de perspectiva concernente agora à ordem familiar burguesa pós-iluminista, na qual a “regulamentação dos instintos sexuais” coincide com uma certa ordem simbólica e política.

É preciso, portanto, considerar os juízos gramscianos dialeticamente sem reduzi-los ao âmbito gnoseológico ou epistemológico, na medida em que a filosofia da práxis tenta conciliar a análise filosófica com a abordagem da função histórico-prática das construções ideológicas, recusando manter-se no plano puramente especulativo. A complexidade de tal abordagem renuncia de uma vez por todas qualquer teoria do reflexo, da emanação da superestrutura pela estrutura, para restituir à ideologia sua própria autonomia dialética.

Esta será a razão maior, no caso de Freud e da psicanálise, pela qual o interesse de Gramsci recai justamente em uma série de contradições internas entre a subversão ética que suscitam e a sua sobredeterminação filosófica materialista-espiritualista.

CENTRALIDADE E AUTONOMIA DA “QUESTÃO SEXUAL”

Neste confronto à distância, indireto e fragmentário estabelecido com Freud, um lugar de importância primordial e de particular densidade crítica é ocupado pela nota “Alguns aspectos da questão sexual” e, mais em geral, no *Quaderni 22: Americanismo e fordismo*. Caderno *sui generis*, como já foi observado, devido ao fato de que Gramsci parece, em certa medida, suspender a abordagem historicista da filosofia da práxis adotando uma perspectiva mais estrutural e sociológica.

Desde o primeiro parágrafo a “questão sexual” foi inserida entre os nove argumentos para reflexão indicados em seu plano de trabalho provisório, que convergem justamente na análise do fordismo como uma nova forma de racionalização não apenas produtiva mas totalizante (ideológica, demográfica, jurídica e “sexual”). O interesse pela psicanálise é apresentado sob uma luz um pouco diversa em relação às notas precedentes no oitavo ponto do plano de trabalho redigido em 1934: “A psicanálise (sua enorme difusão no pós-guerra) como expressão do aumento da coerção moral exercida pelo aparato estatal e social sobre os indivíduos singulares e da crise mórbida que tal coerção determina” (Q 22, § 3, p. 2140).

A avaliação da função da psicanálise parece então colocar-se em um horizonte preciso: o problema mais geral imposto pela “regulamentação dos instintos” na sociedade taylorizada e na formação de uma ética compatível com a massificação do trabalho produtivo. Este é um aspecto fundamental e rico dentre os apontamentos esboçados por Gramsci em *Americanismo e fordismo*, que partem da questão da regulação econômica dos “instintos sexuais” para então indicar a contribuição central da psicanálise na edificação de uma nova ética de relação entre os sexos¹¹.

¹¹ Outro polo da análise psicológica do taylorismo e de suas formas disciplinares é representado, em *Americanismo e fordismo*, pela psicologia de William James e, em particular, pela original recepção por parte de Gramsci da noção de “*habit*”. cf. Mancina (1994).

Reconstruamos, então, a passagem da questão sexual à questão feminina, feita através da mediação discreta mas essencial da psicanálise sem perder de vista que esta transição teórica corresponde também a um certo balanço feito por Gramsci a partir da “crise mórbida” da esposa Giulia e de um diagnóstico sobre o “aumento da coerção moral exercida pelo aparato estatal e social sobre os indivíduos singulares” na União Soviética – o que será visto no item seguinte, em particular através das *Lettere*.

Por enquanto, voltamos à longa nota sobre a “questão sexual”, que demanda uma análise minuciosa e completa e que constitui um “texto C” substancialmente homogêneo para uma nota do primeiro caderno, embora essa tenha assumido um alcance diferente na organização geral do *Quaderni 22*.

A psicanálise é evocada já no final do primeiro parágrafo do *Quaderni 22*. Gramsci parte da hipótese segundo a qual o naturalismo dos utopistas em matéria sexual corresponde a um tipo de sublimação do mal-estar real imposto por toda construção social:

Obsessão pela questão sexual e perigos de tal obsessão. Todos os ‘projetistas sociais’ colocam em primeira linha a questão sexual e a resolvem ‘candidamente’. É de se notar como em utopias a questão sexual tem amplíssimo destaque e mesmo preponderância (a observação de Croce de que as soluções de Campanella na *Cidade do Sol* não podem ser explicadas através das necessidades sexuais dos camponeses calabreses é inepta). Os instintos sexuais são aqueles que têm sofrido a maior repressão por parte da sociedade em desenvolvimento; o seu ‘regulamento’, pelas contradições a que dá lugar e pelas ‘perversões’ que a eles se atribuem, parece mais ‘não-natural’ quando mais frequentes neste campo as referências à ‘natureza’. Também a literatura ‘psicoanalítica’ é uma forma de criticar a regulamentação dos instintos sexuais de forma por vezes ‘iluminista’, com a criação de um novo mito do ‘selvagem’ com uma base sexual (incluídas as relações entre genitores e filhos) (Q. 22, § 3, p. 2147-2148).

A nota prossegue articulando diversos aspectos sociológicos da “questão”: as diferenças entre campo e cidade (Gramsci recusa a ideia, de ascendência lombrosiana, segundo a qual as populações “degeneradas” seriam os subproletariados de recente imigração urbana, uma vez que observou que o “incesto” e outras “perversões” são comprovadas no

campo e nas organizações familiares patriarcais); as mudanças na estrutura da família também em razão dos “progressos da higiene” e do aumento da expectativa média de vida; o problema da urbanização maciça como mutação sócio-política da cidade que coloca “continuamente sobre novas bases o problema da hegemonia”.

Somente ao fim desta breve e substancial discussão é anunciado aquilo que, aos olhos de Gramsci, constitui o problema fundamental colocado pela questão sexual:

A questão ética-civil mais importante ligada à temática sexual é aquela da formação de uma nova personalidade feminina: até que a mulher alcance não apenas uma real independência em relação ao homem, mas também um novo modo de conceber a si mesma e a sua parte nas relações sexuais, a questão sexual permanecerá repleta de características mórbidas e necessitará ser cautelosa toda inovação legislativa.

Para depois prosseguir:

Toda crise de coerção unilateral no campo sexual carrega consigo um desencadeamento ‘romântico’ que pode ser agravado com a proibição da prostituição legal e organizada. Todos estes fatores tornam difícil a regulamentação do ato sexual e qualquer tentativa de criar uma nova ética sexual que seja conforme com os novos métodos de produção e de trabalho. Por outro lado, é necessário realizar tal regulamentação e a criação de uma nova ética. Deve-se notar como os industriais (especialmente Ford) são interessados nas relações sexuais de seus funcionários e na sistematização geral de suas famílias; a aparência de ‘puritanismo’ que assumiu este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar ao engano, a verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo de homem demandado pela racionalização da produção e do trabalho até que o instinto sexual não esteja conformemente ajustado e seja também esse racionalizado (Q 22, § 3, p. 2150).

Portanto, não existe para Gramsci nenhuma *adaequatio* entre estrutura econômica e “ética sexual” - como sustenta uma grande parte do marxismo ortodoxo, seguindo Engels (2006) - embora os dois planos devam ser pensados em suas articulações fundamentais, como explicita o caso do fordismo. A alternativa parece estar entre a hetero-coerção de tipo fordista,

imposta pelo modelo produtivo e suplementada pelo “puritanismo”, e o “desencadeamento ‘romântico’” que se opõe a ele (Gramsci menciona várias vezes o fracasso do proibicionismo e fala muitas vezes de uma “crise de libertinagem”)¹².

Nesta falsa alternativa de soluções, que são no fundo solidárias, Gramsci contraporá o ideal de uma certa auto-regulamentação dos instintos sexuais: “uma coerção de tipo novo, exercida por uma elite de uma classe sobre a própria classe, não pode ser senão uma auto-coerção, isto é, uma autodisciplina (Alfieri que se amarra em uma cadeira)” (Q 22, § 10, p. 2163)¹³.

A solução gramsciana parece aparentemente distante da perspectiva psicanalítica, na medida em que adota uma moral humanística ‘clássica’ de autolimitação e de superação dos instintos. Mas, ainda uma vez, tal tomada de posição deve ser compreendida dialeticamente e não axiologicamente. O ideal de “autodisciplina” não constitui um modelo em si, mas a tentativa de superar a falsa alternativa disciplinamento/libertinagem. Sem contar o fato de que Gramsci não apenas compartilha a tese ‘antropológica’ de Freud segundo a qual “os instintos sexuais são aqueles que têm sofrido a maior repressão por parte da sociedade em desenvolvimento” (Q 22, § 3, p. 2147) - resumida exemplarmente em *O mal-estar da civilização* (1930), um texto pouco anterior a *Americanismo e fordismo* e que Gramsci não teve certamente acesso - mas também reconhece na questão sexual uma autonomia substancial em relação à questão econômica:

Os progressos da higiene – lê-se ainda na nota ‘Sobre a questão sexual’ - que elevou a média da vida humana, colocam sempre mais a questão sexual como um aspecto *fundamental e distinto* da questão econômica, o que por sua vez coloca problemas complexos do tipo de “superestrutura” (Q 22, § 3, p. 2149).

Tal reconhecimento da centralidade e da autonomia da questão sexual em relação à questão econômica distingue Gramsci tanto do

¹² Como em “Animalidade’ e industrialismo”, no Q 22, § 10, que deve ser lida em paralelo com a nota “Sobre a questão sexual”.

¹³ N.T.: Diz-se sobre o literato Vittorio Alfieri (1749-1803) que amarrava a si próprio em uma cadeira para fazer suas leituras.

economicismo do marxismo ortodoxo quanto da abordagem freudo-marxista, que concordam ao considerar coincidentes a alienação sexual e a alienação econômico-social.

Então, uma vez reconhecida a singularidade da abordagem gramsciana, o problema será o seguinte: de que modo a psicanálise pode contribuir com a tarefa histórica que consiste em conceber uma nova e superior forma de auto-regulamentação dos instintos? Antes de prosseguir com a leitura dos fragmentos teóricos dos *Quaderni* para buscar os ulteriores apontamentos que responderiam este problema, será indispensável realizar um longo *détour* através das *Lettere*, onde a questão se apresenta de uma forma diversa - menos reflexiva, mais subjetiva e quase performativa - através do confronto com Giulia. Somente após este *détour* será possível retornar aos *Quaderni* para apreciar em toda sua extensão as conclusões formuladas pela reflexão gramsciana.

O ENCONTRO INDIRETO COM A PSICOANÁLISE: O TRATAMENTO DE GIULIA (1929-1932).

A questão do “mal-estar” de Giulia constitui um dos temas centrais da produção epistolar gramsciana e não apenas nas *Lettere* endereçadas diretamente para a esposa, mas do epistolário em geral. É, portanto, surpreendente constatar a pouca atenção que o diálogo de Gramsci com Giulia acerca das razões de sua “doença” recebeu na abundante literatura crítica sobre as *Lettere*, que alcançaram na Itália o lugar de um clássico literário no período imediato do pós-guerra.

O tema biográfico - ou a leitura que reconduziu as *Lettere* ao gênero de “escritos carcerários” ou da psicologia a que ele corresponde - parece ter negado a peculiaridade e a singularidade do confronto de Gramsci com a psicanálise, que tem em Giulia um motivo subterrâneo e constante, em particular na segunda parte. Outro ‘obstáculo epistemológico’ para a valorização deste tema é sem dúvida a tendência à saturação do sentido político das *Lettere*, fazendo da evolução da relação entre Giulia Schucht e Gramsci um tipo de metonímia da evolução da relação entre o fundador do partido comunista italiano e a URSS.

Quanto a nós, tentaremos restituir a pertinência e a complexidade da referência à psicanálise na correspondência carcerária de Gramsci no que diz respeito à questão feminina, cuja centralidade ética é apontada nos *Quaderni*, mas que tem nas *Lettere* a sua transcrição subjetiva. Não se trata, portanto, de psicologizar a leitura das *Lettere*, mas ao contrário, de reconhecer-lhe uma modalidade própria de transcrição do pensamento e da experiência de Gramsci, complementar embora diversa daquela presente nos *Quaderni*.

Para tal, deve-se partir da carta a Giulia de 4 de novembro de 1930, primeira ocorrência na qual a enfermidade da última foi explicitamente tematizada:

Enquanto isso, aviso-lhe – escreve Gramsci – que ‘tudo está claro’, que não existem mais mistérios para mim, ou seja, que estou minuciosamente informado de suas verdadeiras condições de saúde. Para dizer a verdade, era o que na Itália se chama ‘o mistério das coisas óbvias’, no sentido de que eu havia compreendido que você estava bastante mal ou, pelo menos, atravessava uma crise psíquica que deveria ter uma base fisiológica; seria um ‘literato’ bem mesquinho se não compreendesse isso lendo as suas cartas, que depois da primeira leitura que chamaria de desinteressada, na qual somente o afeto por você me guia, são relidas, por sim dizer, segundo a posição de um ‘crítico’ literário e psicanalítico. Para mim, a expressão literária (linguística) é uma relação de forma e conteúdo: a análise me demonstra ou me ajuda a compreender se entre forma e conteúdo existe adesão completa ou se existem brechas, dissimulações, etc. Pode-se também errar, especialmente quando se quer deduzir demais, mas, se há critério, pode-se compreender bastante, pelo menos o estado de espírito geral. Escrevo tudo isso para lhe avisar que, agora, pode e deve me escrever com extrema franqueza (L, p. 363).

De fato, Gramsci foi informado explicitamente sobre a natureza psíquica da enfermidade da esposa pela primeira vez em uma carta de Tatiana poucos dias antes:

Quanto a sua enfermidade – escreve Tania Schucht em 22 de outubro – disse-me ela mesma: os sintomas principais são amnésia, devido a qual em determinados momentos não lembra do significado das palavras. Em algumas situações perdeu a consciência; mas isto aconteceu somente 6 ou 7 vezes nos últimos anos. Os médicos não estão de acordo sobre o diagnóstico: um diz tratar-se de psicastenia,

outro de histerismo. O médico que a trata atualmente pensa que não é nenhuma dessas enfermidades, mas acredita que essas amnésias estão relacionadas com sua habitual insegurança, especialmente para encontrar as palavras, acentuada pelas provações pelas quais passou nos últimos anos (L, p. 844).

Não que a notícia dos problemas psíquicos de Giulia fosse uma novidade. No final de 1927 Gramsci foi informado da “grande depressão psíquica” que a afligiu e da “angústia” que a inquietava e que justificava sua dificuldade em escrever. Sem contar o fato de que Gramsci conhecia desde antes do cativeiro a fragilidade nervosa das irmãs Schucht, em particular de Eugenia, “Genia”, convencida de ser a segunda mãe de Delio, primogênito de Gramsci, desenvolvendo um apego prejudicial no momento de seu nascimento, em Moscou, que ocorreu na ausência do pai (LEPRE, 1998, p. 77).

O verão de 1930, no entanto, representa uma virada por duas razões essenciais: Sraffa visita a União Soviética e, entre outras coisas, encontra Giulia em um sanatório em Sochi, no Mar Negro, dando-se conta que a “crise” por ela atravessada por quatro anos não é provisória e cíclica, mas profundamente enraizada, e sugere a Tania informar Gramsci; a outra novidade é constituída pelo fato de que Giulia começa, também neste período, um tratamento psicanalítico¹⁴.

Infelizmente não sabemos nada, ou quase nada, sobre as circunstâncias desta experiência: nem o nome do analista de Giulia, nem a escola psicanalítica a qual pertencia, nem detalhe algum sobre o curso do tratamento¹⁵. Isso é justificado provavelmente, ao menos em parte, pelo fato

¹⁴ Carta publicada em Sraffa e Gerratana (1991, p. 11). Escreve Sraffa em 12 de abril de 1931: “Estou muito feliz que Giulia está experimentando o tratamento pela psicanálise: assim que a vi percebi que o seu caso era um daqueles em que poderia ser útil este tipo de tratamento, mas não sugeri porque pensava que, dado que é apresentada por seus seguidores como uma filosofia universal, na Rússia recusavam-na em bloco. Mas, não obstante à primeira vista pareça uma mistura de charlatanismo e ingenuidade, certamente tem um núcleo verdadeiro no fundo e em alguns casos tenho visto tratamentos psicanalíticos com sucessos impressionantes. Não sei se Nino já se interessou pela psicanálise – mas, em caso negativo, certamente se interessará agora. Você poderia perguntar se deseja algum livro e, neste caso, pode pedir para a livraria: Freud, *Introduction à la Psychanalyse*, edição Payot, Paris (existe também uma tradução italiana, mas é péssima e custa o dobro da edição francesa)”.

¹⁵ Algumas cartas mais tarde de Gramsci a Giulia, como em 7 e 14 dezembro de 1931, aludem a uma “doutora” que trata de Giulia Schucht.

de que a psicanálise era banida na URSS desde segunda metade dos anos 1920 e, portanto, sua prática era discreta, quase clandestina e secreta, nos anos de 1930¹⁶.

Não é impossível que futuras pesquisas em arquivos possam trazer alguma luz sobre isso, mas no momento temos que nos contentar com o que emerge dos textos. Há uma única certeza: que é no sanatório de Sochi que Giulia, após a tentativa de tratamento psiquiátrico tradicional, tenta o tratamento analítico. A supracitada carta de Tania de 22 de outubro cita crises epiléticas e os diagnósticos precedentes de “psicastenia” e “histerismo”, utilizando categorias da psiquiatria e não da psicanálise, aos quais se contrapõe o diagnóstico do “médico que a trata atualmente que acredita que não seja nenhuma destas duas enfermidades, mas pensa que essas amnésias estão relacionadas com sua habitual insegurança, especialmente para encontrar as palavras, acentuada pelas provações pelas quais passou nos últimos anos”.

Ora, é justamente a fragilidade da “expressão literária (linguística)”, a “dissimulação” e as “brechas” entre “forma e conteúdo” na correspondência de Giulia que Gramsci propõe-se a analisar como “‘crítico’ literário e psicoanalítico”. Para além do toque de ironia reconhecível na fórmula, a carta de 4 de novembro de 1930 testemunha a vontade de participar da experiência de Giulia, de *jouer le jeu*, e ao mesmo tempo de concorrer com a autoridade do analista, fundada na escuta e na análise da palavra.

A sequência do “*transfer*” de Gramsci com Giulia e com o tratamento por ela experimentado confirmará a oscilação entre estas duas atitudes: a concorrência e a cumplicidade com o representante da psicanálise.

O DIAGNÓSTICO GRAMSCIANO: O “COMPLEXO DE INFERIORIDADE” DE GIULIA

Um passo fundamental é representado pela carta a Giulia de 31 de agosto de 1931. Gramsci crê agora poder estabelecer um diálogo honesto, com “extrema franqueza”, mas não deixa de intervir no percurso da esposa indo até o ponto de formular um esboço de diagnóstico:

¹⁶ Sobre a progressiva reprovação ideológica - mais do que propriamente repressão - da psicanálise na União Soviética, cf. por exemplo Chemouni (2004).

O que você me escreve sobre sua saúde me interessa muito, mas não sei se ainda continua o tratamento psicanalítico. Como Freud observa que os familiares são um dos obstáculos mais graves para a cura pelo tratamento psicoanalítico, eu nunca quis insistir na questão e não é agora que vou insistir. De resto, você mesma lembrou como muitas vezes eu me referi a alguns princípios da psicanálise ao insistir para que você se esforçasse por ‘desencolher’ sua verdadeira personalidade. Estava convencido de que você sofria daquilo que, acredito, os psicanalistas chamam de “complexo de inferioridade”, que leva à sistemática repressão dos próprios impulsos volitivos, isto é, da própria personalidade, e à completa aceitação de uma função subalterna na hora de decidir, mesmo quando se tem certeza de estar com a razão, salvo as esporádicas explosões de irritação furiosa até por coisas insignificantes (L, p. 455-456).

A passagem é interessante sob vários pontos de vista. Gramsci parece evocar certa familiaridade com a psicanálise. A menção ao “complexo de inferioridade” como conceito atribuído à psicanálise e pedra angular dos sintomas de Giulia traduz todavia uma proximidade maior com a “psicologia individual” de Alfred Adler do que com a freudiana. É a Alfred Adler - o único psicanalista citado nos *Quaderni* (Q 4, § 30), ainda que Gramsci o confunda com o líder social-democrata Max Adler - que se deve a introdução do conceito operatório de “complexo de inferioridade”, o que lhe custará a excomunhão freudiana e a exclusão do Movimento psicoanalítico em 1911¹⁷. Militante social-democrata, próximo da corrente “austro-marxista”, Alfred Adler desenvolveu uma concepção sócio-fisiológica da neurose, explicando-a justamente como um “complexo de inferioridade” entre o biológico e o sociológico, o que acabava, aos olhos de Freud e dos freudianos, por dessexualizar o problema da neurose, mas que terá certa fortuna no freudo-marxismo austríaco, atraindo o interesse mesmo de Trotski (NICOLINO, 1978, p. 605-625). O extrato supracitado parece testemunhar que Gramsci estava, em alguma medida, permeado por tal abordagem difusa nos ambientes vienenses marxistas dos anos de 1920.

A utilização de um diagnóstico de matriz adleriana no caso de Giulia será reiterada alguns meses mais tarde em uma importante carta a Tania:

¹⁷ Para uma apresentação do conjunto da obra de Alfred Adler, remeto ao trabalho de Orgler (1947).

Minha impressão central – escreve Gramsci em 15 de fevereiro de 1932 – é esta: que o sintoma mais grave de desequilíbrio psíquico de Giulia não são os fatos, muito vagos, aos quais ela se refere e que seriam a razão para o tratamento psicanalítico, mas antes, o fato de que ela tenha recorrido a este tratamento e tenha tanta confiança nele. Não tenho conhecimentos amplos e precisos sobre a psicoanálise, mas do pouco que estudei parece possível chegar a conclusões ao menos sobre alguns pontos que podem ser considerados firmemente estabelecidos pela teoria psicanalítica, depois de tê-la despojado de todos os elementos fantasmagóricos e curandeiristas. O ponto mais importante me parece este: o tratamento psicanalítico pode ter benefício apenas para aquela parte da sociedade que a literatura romântica chamava de ‘humilhados e ofendidos’ e que são muito mais numerosos e variados do que tradicionalmente parece. Isto é, aquelas pessoas que presas nos duros conflitos da vida moderna (para falar apenas da atualidade, mas todo tempo teve uma modernidade em oposição a um passado) não conseguem como os meios próprios compreender estes mesmos conflitos e assim superá-los, alcançando uma nova serenidade e tranquilidade moral, isto é, um equilíbrio entre os impulsos da vontade e as metas a alcançar (L, p. 534)¹⁸.

A atribuição de pertinência da psicoanálise para alguns “elementos sociais” que Gramsci define, *dostoievskianamente*, como os “humilhados e ofendidos”, parece de fato confirmar a tendência sociologizante adleriana de sua leitura, não apenas no caso de Giulia, mas do interesse mesmo pela psicanálise enquanto tal.

Gramsci, após as críticas feitas por Tania (em 23 de fevereiro de 1932), será induzido a precisar e desenvolver significativamente sua posição:

Gostaria de precisar melhor – escreve a Tania em 7 de março de 1932 – uma afirmação minha a propósito da psicanálise. Eu não disse estar comprovado que o tratamento psicanalítico só seja adequado aos casos dos elementos ditos ‘humilhados e ofendidos’; não sei nada a propósito e não sei se alguém, até o momento, colocou a questão nestes termos. Trata-se de algumas reflexões pessoais minhas, não verificadas com base na crítica mais confiável e cientificamente formulada da psicoanálise e que lhe apresentei para explicar meu comportamento diante da doença de Giulia: este comportamento não é assim tão pessimista como lhe pareceu e especialmente não se baseia em fenômenos de tipo primitivo

¹⁸ Ver também o prosseguimento da mesma carta (p. 535) e o pró-memória “Pontos da carta à Giulia”, no Q. 9.

e baixo, como foi induzida a crer pelo uso da expressão ‘humilhados e ofendidos’ que eu utilizei por concisão e só como referência genérica. Eis meu ponto de vista: acredito que tudo o que de real e de concreto se possa salvar da ‘échaffuadage’ psicanalítica pode e deve se restringir a isto, à observação das devastações que provoca em muitas consciências a contradição entre o que parece obrigatório, de modo categórico, e as tendências reais fundadas na sedimentação de velhos hábitos e velhos modos de pensar. Esta contradição se apresenta em uma multiplicidade de manifestações, até assumir um caráter estritamente singular em cada indivíduo. Em todo momento da história, não só o ideal moral, mas o ‘tipo’ de cidadão estabelecido pelo direito público é superior à média dos homens que vivem em um determinado Estado. Esta discrepância se torna muito mais pronunciada nos momentos de crise, como é este do pós-guerra, seja porque o nível de moralidade se abaixa, seja porque mais alto se coloca a meta que se deve alcançar e que é expressa em uma nova lei e em uma nova moralidade. Em ambos os casos, a coerção sobre os indivíduos aumenta, aumenta a pressão e o controle de uma parte sobre o todo e do todo sobre cada um de seus componentes moleculares. Muitos resolvem a questão facilmente: superam a contradição com o ceticismo vulgar. Outros se atêm exteriormente à letra da lei. Mas para muitos a questão não se resolve senão de modo catastrófico, visto que determina desencadeamentos mórbidos de paixões reprimidas, que a necessária ‘hipocrisia’ social (isto é, a obediência fria à letra da lei) não faz mais do que aprofundar e perturbar. Este é o núcleo essencial das minhas reflexões, que eu mesmo entendo que é abstrato e impreciso se tomado ao pé da letra: trata-se, porém, somente de um esquema, de uma orientação geral, e se compreendido assim, me parece bastante claro e nítido (L, p. 544-545)¹⁹.

O desenvolvimento de Gramsci permite matizar o que foi exposto anteriormente:

- malgrado a referência ao “complexo de inferioridade” de Giulia, ao qual recorre outras vezes nas *Lettere*²⁰, Gramsci não o associa explicitamente a uma leitura sociologizante da psicanálise, ainda que esta referência não exclua certa abordagem adleriana em sua leitura “pessoal”;
- mais que uma psicodinâmica fundada no complexo de inferioridade

¹⁹ No prosseguimento da carta ele trata do sentido da fórmula “humilhados e ofendidos” em Dostoiévski e as reservas filosóficas expressas acerca da pretensa cientificidade da psicologia.

²⁰ Como na carta a Giulia de 11 de abril de 1932, espécie de esclarecimento de final de Gramsci sobre o ‘diagnóstico’ que formulou.

social, Gramsci parece sustentar a ideia de uma “contradição” estrutural entre “o que parece obrigatório, de modo categórico, e as tendências reais fundadas na sedimentação de velhos hábitos e velhos modos de pensar”: tal contradição entre o dever social e os hábitos não corresponde, todavia, à contradição freudiana entre o superego e as pulsões, aproximando-se mais da perspectiva durkheimiana do “tipo” social como necessariamente “superior à média” e os efeitos da “coerção” daí resultantes e que são exacerbados em tempos de “crise”²¹.

É necessário reconhecer e ao mesmo tempo não exagerar na invocação da noção de “complexo de inferioridade” na análise gramsciana do sintoma de Giulia. No entanto, o conceito aparece, ainda que esporadicamente, também nos *Quaderni* quando abordada a literatura popular e mais uma vez é associado ao nome de Freud:

O romance de folhetim substitui (e favorece ao mesmo tempo) o fantasiar do homem do povo, é um verdadeiro sonhar de olhos abertos. Pode-se ver o que afirmam Freud e os psicanalistas sobre sonhar de olhos abertos. Neste caso, pode-se dizer que no povo a fantasia é condicionada pelo ‘complexo de inferioridade’ (social) que determina longos devaneios sobre a ideia de vingança, de punição dos culpados dos males pelos suportados, etc. (Q 6, § 134, p. 799).

Veremos, todavia, que o complexo de inferioridade não constitui um *fin mot* de Gramsci nem em relação à doença de Giulia nem quando trata da aplicação fundamental da psicoanálise na teoria social.

CATARSE

Existe de fato uma estratificação ulterior do confronto gramsciano com a psicoanálise que é invisível nos *Quaderni*, mas inteligível nas *Lettere* sobretudo se lermos no epistolário a relação com Giulia e com a sua doença seguindo um *fio de Ariadne*. Tal estratificação posterior é constituída pela evocação por parte de Gramsci - a partir do fim do verão de 1932,

²¹ Apesar da ausência de referências explícitas ao fundador da sociologia francesa e a recusa gramsciana da sociologia positivista, é possível encontrar diversos ecos do pensamento de Durkheim nos *Quaderni*, *in primis* sobre a noção de “orgânico”, central em Durkheim, como ilustrado recentemente por Michele Filippini, *Una filogia della società. Antonio Gramsci e la scoperta delle scienze sociali nella crisi dell'ordine liberale*. Tese de doutorado em Ciência Política defendida na Universidade de Bologna, 2008.

provavelmente o ano no qual Giulia termina seu tratamento psicanalítico - de uma “catarse” na relação de ambos. Em uma carta de 18 de julho, Gramsci declara-se:

[...] contente que [você] não tem mais a obsessão pelo tratamento psicanalítico, que, pelo pouco que posso julgar no estado de meus conhecimentos, me parece por demais envolto em charlatanice e capaz - se o médico responsável não conseguir em pouco tempo vencer a resistência do sujeito e arrancá-lo da depressão com sua autoridade - de agravar a doença em vez de curá-la, sugerindo ao paciente motivos de novas inquietações e redobrado marasmo psíquico (L, p. 597-598).

Entre o verão e o outono de 1932, a correspondência entre Gramsci e Giulia tem, então, o momento de maior intensidade e que coincide com o fim da análise de Giulia. Uma passagem de uma carta de 28 de novembro parece testemunhar certa evolução na visão da doença da esposa por parte de Gramsci. Não se trata mais de constatar a influência de um complexo de inferioridade, mas uma verdadeira “dilaceração” entre Superego e o Ego²²:

Há sempre um fundo ‘genebrino’ em seu espírito e este fundo é a causa de uma parte considerável de seu mal-estar psíquico e portanto também de suas dores físicas. Há algo de contraditório em seu íntimo, uma dilaceração que você não consegue sanar, entre teoria e prática, entre o consciente e o instintivo (L, p. 644)²³.

Este é o último diagnóstico gramsciano sobre a neurose de Giulia e que repõe a aproximação entre Rousseau e Freud já encontrada nos *Quaderni*. Na correspondência com Giulia, também do período pré-carcerário, encontram-se outros diversos apontamentos polêmicos no confronto com a pedagogia soviética, que afirmava desde o início dos anos de 1920 tendências baseadas na educação espontânea e na rejeição da coerção; tendências essas difusas em certas vertente da psicoanálise²⁴. Gramsci refuta

²² N.T.: No original, *Super-io e Io*.

²³ Dentre os poucos intérpretes que levaram em conta a analogia entre a concepção de conflito psíquico de Giulia sugerida por Gramsci e a formulação freudiana, ver o anteriormente citado artigo Mancina (1994).

²⁴ Cf., por exemplo, o texto exemplar de Vera Schmidt, “Psychoanalytische Erziehung in Sowjetrussland-Bericht über das Kinderheim-Laboratorium in Moskau”, em *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*, Leipzig-Wien-Zürich, 1924 (traduzido em francês como “Education psychanalytique en Russie soviétique”, em Schmidt e Reich (1979)). É preciso recordar como a psicopedagogia alternativa de Vera Schmidt é estreitamente conexa

tal perspectiva, considerando que o “homem é uma formação histórica” e que “aquilo que se crê ser uma força latente não é mais que o complexo sem forma e indistinto das imagens e das sensações dos primeiros dias, dos primeiros meses, dos primeiros anos de vida, imagens e sensações que não são sempre as melhores que se pode imaginar” (L, p. 301)²⁵.

Mais uma vez, a perspectiva gramsciana segue em sentido contrário à tendência freudo-marxista, para a qual se trata de liberar a infância da alienação educativa e da repressão do corpo e da *libido*, assegurando assim a pretensa neutralidade dos instintos. Gramsci mostra-se nesta questão ao mesmo tempo *mais marxiano* (não existe uma essência a-histórica da natureza humana) e *mais freudiano* (a formação da personalidade infantil não é ausente de elementos mórbidos desde os seus primeiros passos).

Voltando ao resultado do diálogo entre Gramsci e Giulia sobre o tratamento psicanalítico desta última - diálogo do qual temos considerado obviamente somente a escrita gramsciana - é possível acompanhar um último sinal, se não a *extrema ratio*, na conclusão de uma breve carta a Giulia de 8 de agosto de 1933 em que se lê: “Parece-me que deve acontecer entre nós uma catarse, como diziam os gregos, para que os sentimentos sejam revividos “artisticamente” como beleza e não mais como paixão compartilhada e ainda ativa” (L, p. 738).

Abstraindo-se as circunstâncias biográficas e literárias precisas desta referência à “catarse” na correspondência com Giulia, esta carta representa provavelmente a última *disputatio* com a psicoanálise. É sabido que Gramsci serve-se da noção de “catarse” no primeiro parágrafo da importante nota 6, “Introdução ao estudo da filosofia” do *Quaderni* 10:

Pode-se empregar o termo ‘catarse’ para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoístico-passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do ‘objetivo ao subjetivo’ e da ‘necessidade à liberdade’. A estrutura de força exterior que esmaga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas. A

com a experiência dos grupos de educação sexual de massa - *Sexpol* - feita na Alemanha por Wilhelm Reich.

²⁵ Carta a Giulia de 30 de dezembro de 1929. Ver também a carta a Giulia de 30 de julho do mesmo ano (L, p. 277) e ainda de 6 de outubro de 1924 em Gramsci (1992, p. 390).

fixação do momento ‘catártico’ torna-se assim, parece-me, *o ponto de partida de toda a filosofia da práxis*, o processo catártico coincide com a cadeia de sínteses que resultam do desenvolvimento dialético (Q 10, § 6, p. 1244, cursivos do autor).

A noção de catarse, instituída na filosofia a partir da *Poética* de Aristóteles é revisitada por Gramsci para indicar a tradução ou *transfert* do plano da determinação objetiva para aquele da subjetivação e que deriva da consciência de tal determinação, produzindo um deslocamento em que reside a “liberdade” de ação ético política. Não estamos aqui muito distantes da lógica freudiana da sublimação (catarse e sublimação designam, de resto, dois processos químicos análogos). É importante notar que a psicanálise utilizou como recurso a noção de “catarse” quando Freud e Breuer colocaram em prática o primeiro esboço de método analítico, fundado na livre rememoração e ainda associado à hipnose, um tipo de *mimesis* de uma memória traumática removida e cujo efeito era em si terapêutico e catártico. Freud e Josef Breuer (1967) chamaram de “método catártico” este precursor da técnica analítica em seu *Estudos sobre a histeria* publicado em 1895. É provável que esta revisitação freudiana da catarse tenha ecos na concepção gramsciana²⁶, sobretudo no momento em que essa é convocada no diálogo com Giulia. No entanto, é difícil justificar objetivamente tal hipótese, visto a raridade das ocorrências textuais. É possível que, como no caso do “complexo de inferioridade”, trate-se de uma idiosincrasia teórica não plenamente consciente por parte de Gramsci mais do que de uma referência explícita. No entanto, a referência à “catarse” como horizonte último da relação com Giulia confirma o exercício subterrâneo suscitado pelo confronto com Freud e com a psicanálise no aparato ético-poético das *Lettere* e também no trabalho aparentemente mais “clássico”²⁷ dos *Quaderni*, esforço complementar e inseparável das *Lettere* e que assumiu um aspecto de constatação e racionalização ao qual se deve voltar uma

²⁶ Para uma análise conceitual da ocorrência da noção de catarse em Gramsci, cito Jaulin (1984, p. 61-84).

²⁷ Cfr. Giacomo Debenedetti, «Gramsci uomo classico», em *l'Unità*, 22 maggio 1947, depois publicado em Santarelli (1977). Neste texto exemplar Debenedetti observa como a escritura carcerária gramsciana, em acordo com a visão ética e filosófica de seu autor, não se submete nem à pura introspecção e nem a uma posição contemplativa, enforçando-se em manter em qualquer circunstância uma relação molecular entre o Eu e o Mundo. A tal ponto que, em uma das raríssimas ocasiões nas quais Gramsci deixa-se levar por uma observação, aflitiva apesar de sua aparente banalidade, sobre o mundo externo, sem referências relacionais e subjetivas, permite identificar o sinal do desfalecimento inexorável da personalidade psíquica do autor das *Lettere*: o desaparecimento de seu ethos “clássico” no qual o mundo está sempre em relação ao homem e vice-

última vez para concluir esta apresentação da relação Gramsci/Freud tal como se dá no interior do texto palimpséstico de Gramsci.

A NEUROSE FUTURA: FREUD E A CONSTRUÇÃO DO HOMEM COLETIVO

A análise precedente deve ser suficiente para fornecer uma ideia da originalidade da reflexão gramsciana acerca das formulações de Freud, tanto em relação ao contexto italiano a ele contemporâneo - polarizado pela oposição entre o idealismo no campo humanístico e um positivismo residual no campo médico-psiquiátrico - quanto no pensamento marxista em seu complexo. Tal singularidade consiste essencialmente, como se viu, em uma avaliação do freudismo como fator de desestabilização em relação a toda uma série de equilíbrios ideológicos da cultura europeia 'moderna' e, como tal, fundamenta-se essencialmente em um juízo acerca dos *efeitos* do freudismo nos diversos campos da *cultura de massa* (filosofia materialista, questão feminina, literatura, pedagogia, etc.), que é acompanhada de um confronto mais íntimo nas *Lettere*, em que se pode reconhecer o esboço de uma tomada de posição sobre a psicanálise enquanto psicologia aplicada e concreta.

Neste confronto bicéfalo com Freud, Gramsci tanto evita a redução da psicanálise a um irracionalismo biologizante – adotado a partir do final dos anos de 1920 pelo marxismo oficial – quando a *vague* freudomarxista (SCHMIDT; REICH, 1979), para a qual se tratava de “inserir na psicanálise o materialismo histórico, erigido portanto, por meio de tal operação, ao posto de visão de mundo” (ASSOUN, 1999, p. 224).

Todavia não se pode concluir esta apresentação crítica do confronto gramsciano com Freud sem fazer menção a uma passagem fundamental

versa. Este momento foi mostrado por Debenedetti, quando Gramsci acena às impressões que teve no momento da transferência do cárcere de Turi para Civitavecchia, que remonta ao inverno de 1933: “Há dez anos fui cindido do mundo (que impressão terrível experimentei no trem, depois de seis anos que não vejo senão os mesmos tetos, as mesmas paredes, os mesmos rostos sombrios, ver que em todo esse tempo o vasto mundo tinha continuado a existir com os seus prados, os seus bosques, as pessoas comuns, os grupos de meninos, algumas árvores, algumas hortas, - mas especialmente, que impressão tive ao me ver no espelho depois de tanto tempo: voltei rapidamente próximo dos guardas” (Lettere dal carcere, 25 gennaio 1936, p. 772). O sentimento de permanecer indiferente no mundo aparece aqui agravado pela imagem refletida da deteriorização do corpo e do Eu, em uma assimetria que rompe a ética molecular adotada por Gramsci em toda escritura e experiência carcerária, traindo um sentimento “romântico” que destrói a postura “clássica”. Para prolongar este ponto, autenticamente analítico, ver também G. Debenedetti, “Il metodo umano di Antonio Gramsci”, in *Rinascita*, 29, 1972.

dos *Quaderni* na qual Gramsci parece ir além de sua abordagem crítica pronunciando-se sobre o interesse da psicanálise em relação ao futuro da hipótese comunista:

O núcleo mais saudável e imediatamente aceitável do freudismo - escreve Gramsci em uma nota intitulada na edição de Gerratana 'Freud e o homem coletivo' - é a exigência do estudo dos efeitos mórbidos de toda a construção do 'homem coletivo', de todo 'conformismo social', de todo nível de civilização, especialmente naquelas classes que 'fanaticamente' fazem o novo tipo humano alcançar uma religião, uma mística, etc. Deve-se observar se o freudismo necessariamente não devesse concluir o período liberal, que é justamente caracterizado por uma maior responsabilidade (e consciência de tal responsabilidade) dos grupos selecionados para a construção de 'religiões' não autoritárias, espontâneas, libertárias, etc. [...] Coloca-se a questão de saber se é possível criar um 'conformismo', um homem coletivo, sem suscitar certa medida de fanatismo, sem criar 'tabus', em suma, criticamente, como consciência da necessidade livremente aceita porque 'praticamente' reconhecida como tal por um cálculo de meios e fins adequados, etc. (Q 15, § 74, pp. 1833-1834).

Pode-se sem dúvida reconhecer nesta nota, redigida por volta de 1933, mais do que um eco do diálogo com Giulia sobre a natureza de seu 'caso'. Deve ser colocada em relevo a formulação do sentido geral do interesse da psicanálise aos olhos de Gramsci: longe de ser apenas uma alavanca útil para forçar a resistência ideológica da cultura burguesa, o seu núcleo "mais saudável e imediatamente aceitável" está localizado na possibilidade, que esta inaugura, de analisar os "efeitos mórbidos" próprios da formação de todo novo ideal e de toda nova forma de organização coletiva. Como Freud em *O mal-estar da civilização* (1930), Gramsci pensa de fato que toda aquisição de um novo "nível de civilização" implica em novos sacrifícios pulsionais e no risco de novos "efeitos" e formação de novos "tabus". O comunismo não seria, assim, uma exceção: como edificação de um "novo tipo humano", de um "novo conformismo", longe de fazer tábula rasa de toda forma de alienação (como pretende o ideal freudo-marxista), dará origem a formas inéditas e ampliadas de mal-estar individual e coletivo. E é a análise da produção deste novo mal-estar, inseparável da superação da civilização liberal, que Gramsci identifica a contribuição freudiana fundamental.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, P.-L. *Le freudisme*. Paris: Puf, 2001.
- ASSOUN, P.-L. *Marx et la répétition historique*. Paris: Puf, 1999.
- BONI, L. Gramsci e la psicoanalisi: frammenti freudiani dai Quaderni. *Rivista di Psicoanalisi*, Roma, v. 49, n. 2, p. 391-418, 2003.
- CHEMOUNI, J. *Trotski et la psychanalyse*. Paris: Impress, 2004.
- DAVID, M. *La psicoanalisi nella cultura italiana*. Torino: Bollati Boringhieri, 1990.
- DAVID, M. L'idealismo italiano e la psicoanalisi. *Rivista di Psicoanalisi*, Roma, v. 3, 1963.
- ENGELS, F. *L'origine della famiglia, della proprietà privata e dello stato*. Roma: Newton Compton Editori, 2006.
- FRANCIONI, G. *L'officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei Quaderni del carcere*. Napoli: Bibliopolis, 1984.
- FREUD, S.; BREUER, J. Studi sull'isteria (1892-1895). In: _____. *Opere di Sigmund Freud*. Torino: Bollati Boringhieri, 1967. v. 1.
- GRAMSCI, A. *Lettere dal carcere*. a cura di A. Santucci: Palermo: Sellerio, 1996. 2 v.
- GRAMSCI, A. *Lettere: 1908-1926*. Roma: Einaudi, 1992.
- GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere: edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana*. Torino: Einaudi, 1975. 4 v.
- JAULIN, A. *La peau du marxisme*. Mauzevin: TER, 1984.
- LEPRE, A. *Il prigioniero*. Vita di Antonio Gramsci. Bari: Laterza, 1998.
- MANCINA, C. Individualità e conformismo in Gramsci. *Paradigmi*, v. 36, p. 511-531, 1994.
- NICOLINO, F. Trotskij e la psicoanalisi. *Nuova Rivista Storica*, Roma, v. 62, p. 605-625, 1978.
- ORGLER, H. *Alfred Adler, the man and his work*. London: Vision Press, 1947.
- SANTARELLI, E. (org.). *La revisione del marxismo in Italia*. Studi di critica storica. Milano: Feltrinelli, 1977.
- SCHMIDT, V.; REICH, A. *Pulsions sexuelles et éducation du corps*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1979.
- SRAFFA, P. GERRATANA, V. *Lettere a Tania: per Gramsci*. Roma: Riuniti, 1991.